

Podemos encontrar deste modo notícias de 184 humanistas. Segundo afirma o autor no prefácio, estava prevista a inclusão de muitos outros que não de ficar para uma segunda parte. Calculamos que os problemas que causaram esta ausência, que declara o editor serem alheios à sua intenção, se prendam com incumprimentos de prazos. Se assim for, o editor tomou a decisão correta ao lançar desde já este primeiro volume, pois a dilatação temporal da publicação teria prejudicado muito esta obra. Com efeito, um senão que se poderia levantar ao dicionário é a disparidade na atualização bibliográfica, pois há entradas que incluem a bibliografia mais recente, de 2011, enquanto outras não mencionam importantes estudos publicados depois de 2008. Com certeza que o número tão elevado de colaboradores e os diferentes prazos na entrega dos textos serão a causa fundamental desta divergência. Por esse motivo, protelar ainda mais a publicação teria tido ainda mais consequências negativas.

Temos, portanto, que nos congratularmos com esta utilíssima ferramenta que se tornará de consulta indispensável para os estudiosos do Humanismo renascentista, e não só.

Carmen SOARES (Coord.), *Espaços do pensamento científico da Antiguidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, 98 pp. [ISBN 978-989-26-0743-6].

CARLOS DE MIGUEL MORA² (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Este livro constitui o primeiro número de uma coleção que, sob o título de *Conferências & Debates Interdisciplinares*, tenciona promover aquela que é a missão do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra, isto é, o estímulo de uma investigação alicerçada no cruzamento de áreas de saber distintas. O denominador comum que não de possuir os volumes que integrarão a coleção será o diálogo entre diferentes domínios científicos.

Integram este volume quatro estudos, da autoria, respetivamente, de Carmen Soares (coordenadora da obra), Gabriele Cornelli, Carlos Gamas e António Manuel Lopes Andrade. O Diretor do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão, explica no Preâm-

² cmm@ua.pt.

bulo as razões que levaram a iniciar esta coleção por este tema específico, razões que se prendem com a vontade de querer dar relevo, desde o início, à história da ciência, na convicção de que a compreensão sobre como se foi construindo o conhecimento é fundamental para a promoção do diálogo entre os diversos saberes. Não é, portanto, por acaso, que três dos quatro artigos do volume foram escritos por professores da área dos estudos clássicos e o outro por um especialista de história da matemática, Carlos Gamas.

No primeiro capítulo, “Matrizes clássicas gregas da História da Dieta: contributos da tratadística hipocrática”, Carmen Soares estuda o conceito de *diáita* em duas obras essenciais do *corpus Hippocraticum* (*Da dieta e Dos padecimentos*), como fundamento necessário para construir uma História da Alimentação ocidental. Para abordar o estudo deste conceito, de entre as inúmeras perspetivas que podia adotar, decide seguir aquelas que melhor se coadunam com as preocupações atuais, de modo a enquadrar o seu estudo segundo quatro eixos: Ciência e Divulgação (estudo dos destinatários), Saúde e Sociedade (tipologia de pacientes segundo a pertença a uma classe social e, conseqüentemente, estilo de vida), Nutrição e Terapêutica (propriedades dos alimentos e efeitos no organismo) e Saúde, Cultura e Meio Ambiente (propriedades dos indivíduos e dos alimentos, por um lado, e influência dos hábitos alimentares e do meio geográfico e climático nas dietas, por outro). A articulação do artigo neste quádruplo eixo dá uma visão muito elucidativa sobre o conceito em estudo e proporciona uma valiosa ajuda a futuros trabalhos sobre alimentação e prática médica na Antiguidade.

No segundo capítulo, “Os Números e a Natureza do Mundo no Pitagorismo Antigo”, Gabriele Cornelli tenta encontrar resposta a uma pergunta que o estudioso Zhmud levantou num famoso artigo aparecido no ano 1989 na revista *Phronesis*: “Tudo é número?” (“All is number?”), onde se contestava o testemunho aristotélico segundo o qual a filosofia pitagórica se fundamentaria sobre a tese “tudo é número”. Cornelli, tal como outros autores, indica que Aristóteles parece dar três explicações distintas para esta afirmação: a própria realidade *é* número; *os princípios* das coisas são *os princípios* dos números; os objetos reais *imitam* os números. Duas possíveis soluções podem ser apontadas para esta aparente contradição. A primeira, segundo indica Cornelli, estaria no próprio Aristóteles, que se teria visto obri-

gado a sintetizar num denominador comum uma multiplicidade de autores chamados de forma genérica “pitagóricos”. A segunda seria externa a Aristóteles, e basear-se-ia no testemunho de um autor pitagórico, Filolau, cujos livros podem ter sido o fundamento das opiniões aristotélicas, e cujos fragmentos, que alguns consideravam espúrios, foram recentemente restituídos no seu valor histórico. No final do seu artigo, o autor recomenda outra publicação sua para aqueles leitores interessados em aprofundar as complexidades do pensamento filolaico e como este afeta a interpretação da opinião aristotélica sobre os pitagóricos.

No terceiro capítulo, “Diofanto de Alexandria e os Primórdios da Álgebra”, Carlos Gamas situa o pensamento daquele que por vezes foi chamado “pai da álgebra” e percorre a receção e evolução do seu pensamento no mundo islâmico, onde se vai juntar a outras fontes matemáticas, para demonstrar como é errada a visão eurocêntrica da história da ciência que pretende ter existido um salto entre os autores científicos gregos e os humanistas do Renascimento, passando por cima de uma cultura árabe que conservou e fez evoluir o pensamento científico em muitas áreas, e especialmente na matemática.

No último capítulo, “Dioscórides renovado pela mão dos humanistas: os comentários de Amato Lusitano”, António Andrade começa por situar o renascimento médico levado a cabo pelos humanistas a partir do século XV, graças, sobretudo, ao aparecimento da imprensa, especialmente na cidade italiana de Ferrara. A partir daí vai tecendo a biografia do ilustre médico português João Rodrigues de Castelo Branco, conhecido como Amato Lusitano, para justificar como se enquadra a sua obra médica neste percurso vital. Ficamos deste modo a conhecer em que contexto publicou a sua obra de juventude, o *Index Dioscoridis*, pouco depois da sua atribulada chegada a Antuérpia, envolvido num processo judicial, como os seus conhecimentos livrescos de botânica se viram enriquecidos pela sua privilegiada relação com os representantes da Feitoria de Antuérpia e com os mercadores, uma vez que a sua própria família fazia parte do Consórcio da Pimenta, como a sua permanência em Ferrara, como médico e professor na sua prestigiosa Universidade, lhe concederam conhecimentos, bibliografia e prestígio suficientes para poder publicar, quando já estava em Ancona, as *Enarrationes* e os

primeiros livros das suas *Centúrias*, e como a relação com o seu primo Diogo Pires permitiu uma união entre matéria médica e matéria literária. Sem essa contextualização não poderíamos compreender a notável originalidade da obra do médico português.

Estes quatro artigos, ordenados numa perspetiva cronológica, dão um novo olhar sobre a ciência na Antiguidade, nomeadamente em dois domínios chave do saber, a medicina (dieta e botânica) e a matemática (filosofia matemática e álgebra). Possivelmente teria sido desejável um maior número de artigos, mas parece claro que os responsáveis quiseram mostrar-se cautelosos no início de uma nova coleção que esperamos venha a dar mais frutos. Para essas futuras publicações seria desejável uma leitura mais atenta na correção de provas, uma vez que escaparam alguns erros tipográficos no estilo de edição que podem tornar a leitura confusa, como alguma citação que aparece com formato de corpo do texto ou texto em itálico que surge quando deveria aparecer com tipo de letra redonda, e vice-versa. Estas poucas gralhas de formatação não impedem a leitura amena de uma coletânea interessante e enriquecedora.

Miguel ALARCOS MARTÍNEZ, *Virgilio y su reelaboración cervantina en el Persiles: hacia una aproximación inmanente*. Vigo, Editorial Académica del Hispanismo, 2014, 321 pp. [ISBN: 978-84-15175-83-4].

EULOGIO BAEZA ANGULO³ (*Universidad de Huelva — Espanha*)

Este libro de Miguel Alarcos Martínez es la versión revisada de una parte de su tesis doctoral, defendida en la Universidad de Oviedo en 2011. La monografía se propone, como se desprende evidentemente del propio título, el ambicioso proyecto de estudiar, desde un punto de vista inmanente, la influencia de Virgilio y su reelaboración cervantina en *Los trabajos de Persiles y Segismunda*. El trabajo, tras un “Prólogo” (pp. 17-19) a cargo de Alberto Blecua, seguido de una no breve “Introducción” programática (pp. 21-32), se divide en doce capítulos, culminados con la “Bibliografía

³ eulogio.baeza@dfint.uhu.es.

Este trabajo se incluye dentro de las actividades del G. I. Literatura e Historia de las mentalidades (HUM-582) de la Universidad de Huelva, financiadas por la Junta de Andalucía y el Ministerio de Economía y Competitividad del Gobierno de España.